

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE POS-GRADUAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

SIÔNIO GOMES MACIEL

**A HISTÓRIA DA RIQUEZA NA LITERATURA REALISTA
BRASILEIRA: O CORTIÇO EM FOCO**

CAMPINA GRANDE / 2014

SIÔNIO GOMES MACIEL

**A HISTÓRIA DA RIQUEZA NA LITERATURA REALISTA
BRASILEIRA: O CORTIÇO EM FOCO**

Trabalho de conclusão apresentado ao curso de Especialização em Fundamentos da educação: Práticas pedagógicas interdisciplinares como pré-requisito para a obtenção do título de especialista em Educação sob a orientação do professor Antônio de Brito na linha de pesquisa: DIVERSIDADE, LINGUAGENS E FORMAS DE INTERAÇÃO.

Orientador: Prof. Antônio Brito

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M152h Maciel, Siônio Gomes

A história da riqueza na literatura realista brasileira
[manuscrito] : o cortiço em foco / Siônio Gomes Maciel. - 2014.
36 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Fundamentos da Educação:
Práticas Pedagógicas Interdisciplinares EAD) - Universidade
Estadual da Paraíba, Seleção, 2014.

"Orientação: Prof. Me. Antonio de Brito Freire, Educação".

1.Literatura. 2.Realismo. 3.Alusio de Azevedo. I. Título.

21. ed. CDD 809

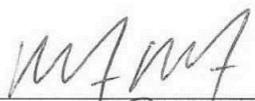
SIÔNIO GOMES MACIEL

**A HISTÓRIA DA RIQUEZA NA LITERATURA REALISTA
BRASILEIRA: O CORTIÇO EM FOCO**

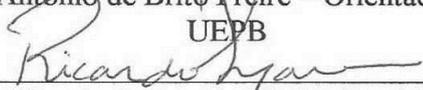
Trabalho de conclusão apresentado ao curso de Especialização em Fundamentos da educação: Práticas pedagógicas interdisciplinares como pré-requisito para a obtenção do título de especialista em Educação, sob a orientação do professor Antônio de Brito na linha de pesquisa: DIVERSIDADE, LINGUAGENS E FORMAS DE INTERAÇÃO.

Aprovada em 19 / 07 / 2014

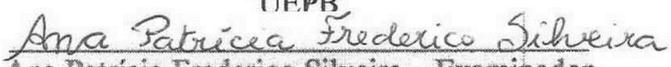
Banca Examinadora:



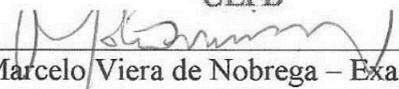
Antônio de Brito Freire – Orientador
UEPB



Dr. Ricardo Soares da Silva – Examinador
UEPB



Ana Patrícia Frederico Silveira – Examinador
UEPB



Marcelo Viera de Nobrega – Examinador
UEPB

A Deus, Pai e Criador do Universo.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Estadual da Paraíba pela oportunidade de aprimoramos os nossos conhecimentos durante a realização desse curso de Especialização em Fundamentos da Educação. Bem como pelo espaço físico cedido, mas sobretudo, pela possibilidade de utilizarmos do espaço da biblioteca e o seu respectivo acervo.

Ao orientador e professor Antônio de Brito pela paciência, pelo esforço e dedicação na orientação desse trabalho de conclusão de curso. Seu espírito de pesquisa e de visão sobre as problemáticas que aqui serão abordadas, sem dúvidas, foram os grandes motivadores durante a trajetória de estudos.

A todos os professores participantes da especialização, e de cada modalidade: presencial e a distância. Vimos neles o entusiasmo de contribuir ainda mais para a qualidade da educação brasileira. Certamente eles se fizeram inspiração para as nossas ações pedagógicas cotidianas.

Aos funcionários que estiveram presentes a nossa vista, no auxílio indispensável para o funcionamento do curso e também aqueles que não chegamos a conhecer, mas que sabemos, se empenharam a realizar o possível para o nosso cursos de especialização.

Aos vários colegas participantes desta especialização das áreas de Física, Filosofia, Sociologia e História estes estiveram presentes nos debates tão enriquecedores a respeito das problemáticas que foram oportunizadas para o debate. Todos estes personagens e eu envolvimento tornaram possível um ambiente rico em trocas de experiências e saberes.

É necessário, a necessidade da realidade.

Heráclito

RESUMO

Entre os elementos principais abordados neste trabalho estão: a perspectiva de usar como referência os princípios norteadores do movimento estético denominado Realismo, oriundo da Europa desde o século XIX. E procedermos com um exame comparativo com o fazer literário brasileiro, sob o mesmo princípio estético. O que deverá relevar algo sobre as particularidades desse fazer literário com seus procedimentos inertes, ou seja, as habilidades do autor estudado no que tange às questões e problemáticas de seu país, que de modo ou outro condicionaram o seu escrever. Metodologicamente considerar-se aqui a adequação que o autor faz dos princípios estilísticos e o que precisamente aparece como resultado na sua escrita de *O Cortiço*, que conteúdo ele traz ou oferece aos seus leitores. Para isso, tomamos um aspecto que nos parece central na obra *o Cortiço*, escrita por Aluísio de Azevedo, a qual seja a convivência muito próxima entre o explorado e o explorador, no que diz respeito às relações econômicas, ou seja, nosso objeto de consideração e exame nesta obra: a história da riqueza do personagem João Romão que é a história dorsal do livro, a acumulação de riqueza em um país “semicolonial”.

Palavras-chave: história, enriquecimento, Realismo.

ABSTRAT

Among the main elements covered in this work are: the prospect of using as a reference the guiding principles of the aesthetic movement known as Realism, introduced from Europe since the nineteenth century. And proceed with a comparative study with the Brazilian literary do, under the same aesthetic principle. What should reveal something about the particulars of this literary do with their inert procedures, ie the author's abilities studied in relation to the issues and problems of their country, so that either have conditioned your writing. Methodologically be considered here the adjustment made by the author of the stylistic principles and what precisely appears as a result in his writing of the tenement, which he brings or content offers its readers. For this, we take an aspect that seems central to the work of the tenement, written by Aluísio de Azevedo, which is very close contact between the exploited and the exploiter, with regard to economic relations, namely our consideration object and examination in this work: the rich history of the character that Joao is the back story of the book, the accumulation of wealth in a country "semi-colonial".

Key-word: History, Enrichment, Realism

SUMÁRIO

| | | |
|---|---|----|
| 1 | Introdução..... | 9 |
| 2 | Primeiro capítulo – a literatura brasileira e o realismo | 11 |
| 3 | Segundo capítulo – a relação de Azevedo com o realismo | 20 |
| 4 | Terceiro capítulo – o realismo de uma história da riqueza | 25 |
| 5 | Considerações finais | 34 |
| 6 | Referências | 36 |

INTRODUÇÃO

Nosso objeto de estudo, *O Cortiço*, escrito por Aluísio de Azevedo, é uma obra escrita por volta de 1890, no momento em que o Brasil e, particularmente o Rio de Janeiro, lugar onde o autor se inspira para escrever, vivia um momento singular na sua história. Representava para o imaginário dos brasileiros o melhor lugar em “oportunidades de vida”. A cidade recebia inúmeros contingentes de estrangeiros; era tempo de mudança de regime político (inicia-se a república); e também porque era o fim oficial da escravidão. As transformações de fato eram inúmeras tanto em quantidade quanto em aspectos.

Azevedo absorve esse “espírito da época” e ilustra isso no *Cortiço*, por exemplo, quando escreve sobre múltiplos temas e em uma série de problemática a que nos remete, como consequência do efeito intencional de sua narrativa, ao referido contexto sócio-político do Rio de Janeiro da época.

Outro ponto, segundo A. Candido (2010), é que muitos aspectos de conteúdo no *Cortiço* está dentro de um contexto peculiar social brasileiro, o qual não é mais presente na Europa e nem em *L'Assommoir* de E. Zola (1876), obra que serviu de base (ou fôrma) para Aluísio escrever *O Cortiço*. Aqui caberia dizer que este seria assim um aspecto do real retratado pelo autor. E para deixar claro, embora Candido (2010) aponte também que Aluísio faz a transferência do cortiço parisiense, com base em Zola, para o cortiço fluminense, palco que contempla as cenas do *Cortiço* há algo de novo em sua obra.

Mas antes de tratarmos desse assunto, estudamos a apropriação do Realismo francês pela literatura brasileira, e como a sociedade brasileira se comportou ante essa nova proposta de leitura *realista* do mundo e de si mesma.

Assim, questionamos quais as possibilidades para os escritores brasileiros trabalharem em suas obras, à luz do Realismo, a realidade. Estes são alguns pontos que serão abordados no primeiro capítulo.

Já em um segundo momento optamos por darmos mais atenção para a relação de Aluísio de Azevedo com o Realismo oriundo da Europa. Aluísio que é celebrado pelo cânone como um dos melhores representantes desse movimento literário no Brasil; é o baluarte de uma literatura que vem pela primeira vez demonstrar de que forma se dá a relação entre explorador e explorado na luta pela construção da riqueza. Procuramos examinar seu desempenho nesta tarefa de denunciar e de abordar a realidade tal como ela se apresenta e percebermos sua importância frente à literatura realista brasileira, uma vez que sua obra vem explicitar a relação entre brasileiro e europeu.

No terceiro e último capítulo se encontra nosso exame sobre a história da riqueza do personagem João Romão. Para tanto partimos da crítica de Antônio Candido (2010), em seu livro *O Discurso e a Cidade* que demonstra um questionamento a respeito do ponto inovador da obra de Aluísio, e pelo qual este crítico assinala o perfil literário deste autor. Este olhar crítico de A. Candido (2010) nos encaminhou a novos questionamentos, como por exemplo, convivência próxima entre o explorador e o explorado. Com algumas restrições, podemos observar uma similitude com a estabelecida relação entre o Brasil e a Europa, de onde inclusive, João Romão é oriundo.

1 – A LITERATURA BRASILEIRA E O REALISMO

A literatura brasileira é afetada diretamente por um gesto semântico singular e unilateral que organiza e difunde pelas instituições brasileiras de ensino (em todos os níveis) uma seleção de obras sob um arquétipo limitante porque circunscrito a esta mesma estrutura. Tais obras e autores são os cânones da literatura brasileira e por isso mesmo, recebe reconhecimentos supervalorizados, com atributos que não lhes são necessariamente devidos. Através dessa ideologia, que perpassa todos os estilos literários e um grande número de autores que dela fazem parte, por defenderem e reproduzirem, através de suas produções, essa exegese que assim então os definem concomitantemente. Temos aí uma análise geral, porém, dorsal dessa literatura.

Uma primeira consideração elementar sobre o Realismo à brasileira é que este estilo passa a estar representado com o livro *O Mulato* de Aluísio de Azevedo, em 1981. Este autor que pretendemos abordar e observar neste trabalho é também parte dessa estrutura acima descrita. E segundo ela, ele está entre os autores que por definição melhor representam o Realismo no Brasil.

O movimento cultural denominado Realismo é também um estilo literário caracterizado por integrantes que defendiam a objetividade, procuravam examinar criticamente os problemas sociais de seu tempo, final do século XIX, e, por isso, produziam obras com características de documentos denúncia, trabalhos que foram capazes de causar crises em torno de seus apontamentos.

O marco inicial do **REALISMO** em Portugal foi a agitada e polêmica **QUESTÃO COIMBRÃ** (1865), quando se defrontaram, de um lado, os jovens estudantes de **COIMBRA**, atentos às novas idéias que vinham da **FRANÇA, INGLATERRA E ALEMANHA**, e de outro, os velhos românticos de **LISBOA**.

A polêmica iniciada em 1865, entre **REALISTAS E ROMÂNTICOS**, só terminaria, de fato, em 1871, com os **Ciclos das Conferências**

Democráticas realizadas no Casino Lisbonense; das dez **Conferências** inicialmente previstas, apenas cinco foram pronunciadas; antes da sexta, elas foram proibidas pelo governo, que fechou o Casino. Representaram, no entanto, a vitória definitiva do **REALISMO** (FREIRE, 2002, p. 4-5 grifos do autor).

Não obstante, não podemos desconsiderar que

O *realismo*, como movimento estético, surgiu nos domínios da pintura, entre os anos de 1848 e 1850, tendo como figura destacada a do francês Coubert. É, pois, nesse aspecto, um movimento específico do século XIX. Mas o realismo, como o classicismo e o *romantismo*, é uma tendência geral da alma humana e, por isso, atuante nas diversas fases da existência. Encontramo-lo intermitentemente nas mais antigas produções do gênero humano, tais como na Bíblia, em passagens das obras de Homero, no teatro clássico antigo, em Boccaccio, em Chaucer, em Cervantes, em Rabelais e tantos outros. A atuação realista é, portanto, tão velha como a própria arte (TAVARES, 1969, p. 79).

Nesses termos, se a marca mais forte do Realismo é a objetividade que visa um ataque frontal ao romantismo e sua subjetividade, por sua vez o Naturalismo, é uma radicalização do Realismo. Aborda o humano em suas expressões animais ou patológicas, em resumo radicais. Aqui os personagens, o clima, e o ambiente são todos violentos, frenéticos, incansáveis. O Naturalismo tanto quanto o Realismo toma como recursos expressivos de suas descrições a figuração e a descrição quase fotográfica dos personagens e ambientes (que são inclusive complementares). Isso tem como resultado a satisfação da percepção do leitor que passa a se deparar com a objetividade da realidade que o circunda.

Segundo Tavares (1969) alguns dos principais aspectos do Realismo são:

a) A realidade é a realidade materialmente verdadeira, b) Objetivismo (sem intromissões do autor), c) preocupação com os problemas de sua época, d) atenção as feições estruturais, técnicas e formais da composição, e) predomínio da razão e da observação sobre o sentimento e a imaginação, f) os fatos psicológicos são reações da constituição fisiológica do homem, g) romances analíticos e psicológicos (*Ibid.*, p. 84).

O Realismo é também a expressão da Europa em transe com o auge concomitante da indústria, ciência, imperialismo-econômico-capitalista e suas consequências para a coletividade in loco e do mundo. E é exatamente aí onde o Realismo tem origem, e como de regra, passado o auge da expressão literária no continente de origem, começa a ter suas

variantes nas periferias, como por exemplo, no Brasil. Neste país, a priori, seria bem cabível a expressão realista, porque é onde a violência tem contornos desoladores.

As relações de poder e de dependência são assim determinantes no fazer literário, bem como na ocasião de compreendê-lo. A aristocracia brasileira reproduz essas relações ao apontar piamente os caminhos e horizontes literários do país segundo sua idiossincrasia. Contribuiu assim, constantemente para uma estrutura mental limitada e limitante porque se esquiva de abordar com acuidade o universo ideológico e político de qualquer outra classe social, tradição ou origem racial diferentes daquela defendida canonicamente nas obras literárias.

Como exemplo mínimo dessa realidade, bastaríamos citar que é apenas e justamente, com o Realismo, e por isso somente no fim do século XIX, que aparece alguma referência não eufemística¹ sobre os modos de se fazer rico, de tornar-se alguém com posses, nas circunstâncias características do país à época. E quais não fossem, apenas citando o que nos informa O Cortiço: roubo, sobretudo usurpando qualquer recurso material ou de trabalho humano (escravidão) formas estas aplicadas com tanto mais intensidade nos séculos anteriores quanto menos ou nunca aparecessem nos escritos literários.

Então, as produções deste estilo literário se comprometem com os limites da reflexão ideológica dominante de cada época. Evidentemente, nunca contra a estrutura de poder recaída sobre a totalidade do que seja produzido, de modo que se possa considerar uma sequência unilateral do pensamento ao passar do tempo, pelas gerações de escritores e dos estilos literários. Por exemplo, mesmo parecendo popular ou contra o escravismo a produção literária do Realismo (até mesmo o Realismo) não permite imaginar um mundo existente fora dos contornos ideológico dos aristocratas, não sugere ao menos uma proposta de mudança de

¹ O termo aqui é apenas para categorizar as referências anteriores sobre o assunto, indicando já alguma insuficiência da abordagem deste período, mas sem perder de vista que nunca antes houve quem se escrevesse sobre.

toda a estrutura do *status quo* escravista, ainda que nas vésperas da declaração de abolição escravista (em termos oficiais, pelo menos).

Isso implica que muitos autores desse período literário (mas não somente neste) não foram capazes de expandir a visão humanista que existe latente no Realismo: a preocupação com as condições de vida dos seres humanos. E por justamente esta visão, os autores produziram documentos denuncia, pois logicamente, uma vez que se se denúncia é porque algo está errado ou fora de lugar, não integrado. Considerar as camadas socialmente marginalizadas visa integrar e assim tem-se aí uma visão holística das pessoas ou do mundo. E isso, vemos raramente na literatura brasileira, e não diferente: insuficientemente em *O Cortiço*. O que representa Bertoleza para João Romão? O que ela representa da escravatura em suas “palavras”? O que aparece na trama sobre o que ela pensa ou sente? Para todas as questões a mesma resposta: nada.

De modo que os anos de escravidão anteriores à abolição aparecem de uma forma simbolicamente sem significado em *O Cortiço*. A presença da personagem Bertoleza, seu suicídio, a um tempo em que o autor parece situar como sendo nas vésperas da possibilidade de sua real libertação, pelas ações tomadas com e através da abolição, é o que marca em *O Cortiço* o quão trágica foi a questão para os negros no país. Creditamos também a Aluísio de Azevedo o fato da menção da questão no meio literário, mas somente. É que também por ele o debate do tema no *Cortiço* não toma as devidas proporções significativas de sua importância intrínseca, quão poderia ser literariamente o quanto é social e politicamente.

Portanto neste primeiro capítulo nosso foco é mesmo o de tocar nas questões sensíveis da literatura brasileira no que diz respeito às fragilidades de sua abordagem, o que inclui aí, não deixar de observar e creditar seus méritos. À luz dos princípios estéticos do Realismo, tais quais reivindicados para as origens do movimento na versão brasileira e que move o fazer literário brasileiro. Mas, digno de nota é a contradição perceptível entre os

princípios e aquilo que de fato é realizado no caso da literatura brasileira, também sobre isso, ora estudamos.

O cânone é uma estrutura que estrutura cada nova produção artística dentro dos moldes de respeito às combinações e regras de sua estrutura. Esta atua na função de minimizar uma história trágica, a história dos horrores levados por aqueles que buscam riquezas para aqueles que são reduzidos a ferramentas de produção de riquezas. Nesta categoria estariam todos os escravos e nativos. Deste modo, meros e breves relatos sobre um ou outro personagem que representa esse grande quantitativo de subordinados é o que pode ser considerado pela linhagem (estrutura) que narra à história. Portanto, assim, são poucas as oportunidades em que um africano, um indígena ou um imigrante (seja de qualquer nacionalidade), vai dizer alguma coisa, nessas literaturas, com tais e tantos condicionantes.

Bentinho chama o escravo, e depois o dispensa. O preto apenas pode responder as perguntas que lhe são feitas, não tem nada de moto próprio a dizer. Mesmo que tivesse, não poderia fazê-lo (ou não tem porque não pode). Não que Machado de Assis, neto de escravos e cercado de escravos por todos os lados, não soubesse o que eles poderiam dizer sobre os senhores: ele só não queria apresentar essa perspectiva. E se a tivesse assumido, não teria sido entronizado no cânone brasileiro (KOTHE, 2000, p. 474).

O que é revelador e ainda mais frustrante é perceber que foi hábito de muitos escritores brasileiros a omissão da fonte de muitas ideias, a falta de compromisso com a qualidade e a honestidade ao se lograrem em reconhecimento que posto em peso, ainda que subjetivamente, por quase nada lhes são devidos.

Os escritores brasileiros apresentaram muitas vezes como original o que era uma cópia mais ou menos desvelada. Sob a aparência de “imitar”, com a intenção de “recriar, reproduzir por imitação”, não conseguiam ir muito além do plágio, pois eram em geral incapazes de discernir as limitações dos seus modelos. Ao adaptá-los à cor local, reafirmavam a ideologia das classes dominantes, sem enfrentar, contudo, as contradições básicas locais nem desmascarar os pressupostos dos originais... perde-se a chance de ir além dele e se pereniza a interiorização da dependência e da limitação (*Ibid.*, p. 378).

Fato esse que é degradante, embrutecedor e corrosivo de uma cultura canônica sem tradição surgida dos desencontros das civilizações, erguida como penhor de igualdade em todos os níveis de ensino, até que a maturidade fisiológica dos sujeitos os façam perceber que boa parte de sua educação em literatura, não passou de um devaneio idiossincrático, isso é conferível devido a toda a estrutura canônica, referida anteriormente.

O Realismo por sua característica interna pretende ser uma via de trato fidedigna à realidade dos pobres e dos excluídos de uma forma geral. Não obteria mais êxito na execução desse objetivo nos países periféricos que no país de sua origem. Visto que, aqui no Brasil e tomando os pressupostos antes abordados, como este estilo literários poderia ter encontrado representantes independentes (livres de pendências ou trocas de favores com a classe dominante, se todo o país ainda vive sob o aprofundamento das contradições sociais). Nosso “Realismo” não superou essa constante de interiorizar nas pessoas a dependência e a limitação.

Por essa herança tem culpa a colonização cultural praticada, onde se destruiu a maior parte dos bens culturais encontrados por aqui e nada superior foi posto no lugar. Não que os invasores denegassem, mas que nem eles tinham sabedoria de sua tradição cultural. Ver a critério de comprovação, as representações do Realismo, seu período de produção, e o diálogo da sociedade com o movimento em cada país: França e Portugal. Fica claro que a aculturação deixou um saldo negativo para o fazer literário brasileiro, ao irromper da violência física e simbólica, o que resta senão reprodutores dessas mesmas práticas.

Quando trabalhamos com discursos constituintes, estamos diante de sólidas estruturas textuais que pretendem ter um alcance global, dizer algo sobre a sociedade, a verdade, a beleza, a existência... A bem dizer, esses discursos de alcance global são elaborados localmente, no seio de grupos restritos que não se ocultam por trás de sua produção, que a moldam por meio de seus próprios comportamentos (MAINGUENEAU, 2006, p. 69).

Ficamos do lado de fora da divisão metafísica do mundo, tão antiga quanto Platão (2002) com *o Mito da Caverna*. Logo, os que por essas terras destinaram-se a ficar, foram

condenados à escuridão e ao atraso, à caverna. Isso condiciona a linguagem corrente a um apego a cânones estruturais que orientam o que se deve ou não pensar o fazer sempre condicionado *ao posteriori* da aprovação de outrem incondicionalmente hierarquicamente superior.

Nietzsche registrou que a vida é antitética a moral: ela sobrevive às custas da morte alheia. Questionava, assim, mais que um sistema jurídico baseado em pretensos princípios do direito natural: há hipocrisia na moral que não quer ver a “imoralidade” em que a vida se funda. Os “princípios” são sobretudo artigos de fé, e não inabaláveis razões naturais. O antifilósofo não estava, com isso, simplesmente propugnando o darwinismo como “ética natural” embora tenha se tornado usual o mais forte devorar o mais fraco. Quem consegue se impor às custas dos outros tem, na vitória, a “ética” que o consagra e legitima, não importando os meios usados; quem é destroçado não tem lei nem moral a seu lado, pois, perdendo parece que mereceu perder e deve, portanto, ser devorado. A prática que assim se apresente nua e crua não é, contudo, bem aceita, pois quer “manter as aparências”, o “humanismo”. O cristianismo elevou a fraqueza a princípio superior, mas acomodou-se com a competição capitalista, na qual é constitutivo lutar para liquidar a concorrência (KOTHE, *op. cit.*, p. 221).

Como se pode notar ao considerar o cenário internacional não despontamos entre os países independentes culturalmente, mas há entre nós, conterrâneos de Azevedo, os reprodutores dessa violência darwinista, com suas morais insustentáveis, pregadas e rogadas a peso de leis. Como fica claro na moral veiculada através da ausência de outras temáticas na literatura e que são substâncias a sociedade brasileira, e mesmo quando parte destas, aparecem como, por exemplo, o indianismo, padecem de um trato romântico, com eufemismos e idealizações de suas realidade.

Outra linha de análise a que podemos nos referir são as leituras segundo a semântica de que a realidade está mais bem tratada pelo Realismo do que por outros estilos literários. Refere-se aos limites cognitivos de compreensão e reprodução artísticas das sensações da espécie humana por si mesma, bem como para o que esta é capaz. E dentro desta estaria a questão da realidade e por isso da objetividade, não apenas da realidade concreta ou física do meio, mas também tanto quanto esta, a objetividade das sensações e sentimentos humanos e

sua reprodução artística, igualmente sujeita a reproduções mais ou menos fidedignas de seu objeto.

Outra questão ainda subsequente a essas duas seria sobre o que diz Antônio Candido (2010) chama de reducionismo estrutural, sendo um elemento presente na literatura e por assim dizer, também no Realismo. Isso corresponderia à força da organização estética que toma componentes da realidade do mundo e do ser e os tornam autônomos. As leis internas do procedimento literário subordinam esses componentes aos interesses da expressão literária.

Conclui-se que a capacidade que os textos possuem de convencer depende mais da sua organização própria que da referência ao mundo exterior, pois este só ganha vida na obra literária se for devidamente reordenando pela fatura. Os textos analisados aqui, tanto os realistas quanto os não realistas, suscitam no leitor uma impressão de verdade porque antes de serem ou não verossímeis são articulados de maneira coerente (CÂNDIDO, 2010, p. 10).

Assim observamos que o anunciado compromisso documentário do Realismo e do Naturalismo não implica na ruptura com os paradigmas do fazer literário ou suas finalidades de eficiência literária. E em função dessa eficiência, os autores transmitem em seus textos o contato com os mais diversos componentes do mundo: do ser e do ambiente, pouca diferença, fazendo que estejam proclamando a ideologia de que é o momento da realidade, de mostrá-la e de vê-la não importa qual.

O OBJETIVISMO aparece como negação do SUBJETIVISMO ROMÂNTICO e nos mostra o homem voltado para aquilo que está diante e fora dele, o NÃO-EU, O PERSONALISMO cede lugar para o UNIVERSALISMO.

O MATERIALISMO leva à negação do SENTIMENTALISMO e da METAFÍSICA... (que vem do grego e quer dizer que está além Física...para a Metafísica as coisas são imutáveis, dadas para sempre, sem qualquer relação entre si...ou seja para os metafísicos a sociedade mudava muito pouco, repetindo-se mecanicamente...acreditavam que não poderíamos fazer nada para mudar as coisas) (FREIRE, *op. cit.*, p. 3, grifos do autor).

No que diz respeito ao Realismo, os recursos expressivos dos textos literários são catalisados para produções com alto teor verossímil. O que favorece à priori certa dificuldade na compreensão da propriedade de cada linguagem. Assim, o pensador alemão Karl Marx

(1867) ao conquistar a realização do seu trabalho científico, sobre algo complexo e inédito (teoricamente) como o Capitalismo, irá influenciar posteriormente as produções literárias do Realismo, ainda que não pela complexidade do tema e sim pelas consequências sociais e econômicas para as coletividades abordadas objetivamente.

A atuação política de Karl Marx impulsiona o surgimento da mobilização política dos proletários e com reivindicações de melhoria das condições de trabalho e vida dentro e fora das fábricas. A consciência das condições de subsistência coletiva passa a ter lugar na reflexão dos sujeitos, impulsionando-os a lutar por mudanças destas mesmas condições. Fica assim compreendido que a preocupação imediata do coletivo neste contexto não deveria ser mais a de amores platônicos, delicadezas dos gestos entre enamorados, descrição da mulher ideal. O que passa a prevalecer seriam as condições objetivas de sobrevivência dos sujeitos. A questão de ordem seria o enfrentamento político dos agora sujeitos sociais contra seus opressores, o combate físico passa a ser inclusive uma alternativa.

De modo que a literatura que cabe ser consumida pela sociedade e a qual possa lhe interessar nesse momento deve ser a que aborda sobre a realidade da vida coletiva porque é representativa para e do coletivo. É assim que Émile Zola, em *L'Assommoir*, vai tratar da condições miseráveis de vida do operário francês, que por sua vez, anos mais tarde influencia Aluísio de Azevedo no *Cortiço*, pois vai tratar da vida não menos miserável dos trabalhadores braçais brasileiros.

2 – A RELAÇÃO DE AZEVEDO COM O REALISMO

Ao se pensar em um autor que tenha sido representante do Realismo aqui no Brasil, um dos melhores representantes é sem dúvida Aluísio de Azevedo, com o seu livro *O Cortiço*. Obra considerada acima da média de suas outras produções foi escrita em 1890, dentro da segunda divisão que o autor usou ao escrever seus livros (a primeira, visava “pescar” leitores, sob a finalidade de ser uma produção vendável a segunda para expressar seu ideal literário). A essa obra dedicaremos nossa atenção, pois justamente nesta se encontra um elemento inovador na literatura brasileira, a respeito das perspectivas em torno da questão da riqueza. Como veremos sobre, no próximo capítulo.

Mas antes é importante considerarmos que nosso autor, acima citado, está inserido na época e contexto de um estilo literário que exigia pragmatismo no trato com o objeto abordado. Tenta mediar um trabalho de qualidade (sem fugir ao ideal estético- literário sob a qual trabalha) a um posicionamento político que não contradiga seu projeto pessoal de ser um agente do funcionalismo público de alto escalão. Isso fica hipoteticamente comprovado com o fato de após conquistado tal objetivo ele não mais produziu ou publicou outras obras. Pois entre as características do Naturalismo, que não destoam das do Realismo, estão segundo Tavares (1969):

a) O homem é uma máquina regida pela ação dos fenômenos físicos e químicos, b) Preferência por temas de natureza patológica c) Uso da linguagem simples, direta, coloquial, natural e até vulgar d) Intenção clara e determinada de imprimir à literatura um cunho científico e) Fixação em aspectos negativos de inferioridade das classes sociais f) amoralismo, importando o ato em si mesmo e não o juízo sobre ele (TAVARES, *op. cit.*, p. 86).

Sob tais contornos são sustentáveis algumas afirmações: que não lhe seria conveniente tratar de muitos aspectos da realidade brasileira, com a competência da qual poderia ser capaz; que não trataria também de questões diversas e de

importância/significância universal, como tentaram outros autores que o influenciaram inclusive na fundação do estilo Naturalista; que escreveria se não em função de uma vitrine pessoal, onde seus talentos fossem apresentados.

Poderíamos imaginar obras primas de maior teor político ou social ou mesmo com um maior compromisso com a realidade brasileira. Se ele tratasse, por exemplo, no imaginário de suas obras, um fato tão marcante quanto o conflito armado de Canudos ou a um homem como Antônio Conselheiro ao invés de um como João Romão. Mas isso não seria compatível, nem com as elites regionais, nem com uma carreira no setor público. Contentamo-nos com João Romão.

Já a seu tempo, como pode ser visto, Azevedo dispunha de uma série de problemáticas em potenciais para sua consideração mas assim não o fez e novamente o poder coage a liberdade de pensamento, a unilateralidade política e cultural. Esse tipo de prática fortalece a mesquinhos de espírito, e é justificativa de atrasos sociais e culturais tanto quanto educacionais. Ou em que outro lugar é aceitável o fato de Euclides da Cunha ter produzido sua maior obra, descrevendo o ambiente e o movimento de Canudos, *Os Sertões* e nada mais ter sido dito em outra produção literária brasileira. Ou é plausível que um dos maiores, senão o maior movimento popular no século XIX, com contornos de independência administrativa e política, bem como a guerra mobilizada pelo Estado para destruí-lo, seja assim tão relegado às questões de menor valor.

Outro fato: não é digno de crédito a integridade da homilia dos ricos sobre os pobres, tampouco, o oriente pelo ocidente, do Brasil pelos seus algozes e do mesmo modo, também não se deve esperar muito do Realismo por Aluísio. Assim, se pode notar insuficiências gritantes nesta estética da qual Azevedo faz parte, por exemplo: Se levarmos em conta a trajetória histórica do nosso país, que povo é esse? Os tais brasileiros, quais as origens da violência entre eles? Que escravidão é essa, em meio a esse capitalismo primitivo

desenfreado? Estes são aspectos não revelados, se subentende que por aqui todas as desgraças são possíveis, mas por que seria? Por exemplo, João Romão não representa a média dos portugueses imigrantes, que vinham fugidos da miséria e da repressão, enfrentando dificuldades em outro país que não lhes oferecem poucas opções. Em uma obra que pretende ser sobre as pessoas economicamente pobres, de fato, muitas questões são deixadas de lado em função de outras que não lhes são pertinentes.

Os dilemas das questões humanas já são de uma base muito rica em instruções para os próprios seres humanos quando abordadas com precisão e transparência pela literatura. Menos não seriam as questões humanas resultantes do encontro de civilizações com culturas diferentes, com experiências e leituras de vida diferentes. No Brasil, vemos que esses encontros foram fatais para muitas culturas, que o resultado dos encontros sempre foram e até então estão explorados pela unilateralidade de um dos aspectos do humano, a economia, o modo de produção que é o Capitalista. Mas Azevedo não foi capaz de oferecer uma produção mais rica a seus leitores, sobre a questão da diversidade humana em convivência. Não podemos nos contentar com o quanto sobre o assunto ele abordou: Rita Baiana a rodar sua saia e Jerônimo (português) a contempla-la.

Entrementes, segundo Kothe (2000) sua produção está em acordo com toda a mentalidade reificante cultivada pelas comunicações da elite através do seu maior aparelho: o Estado. Segundo o Cânone, brasileiro é aquele que é bom militar, que cocorica o Hino Nacional, que não questiona as contradições do que ouve, que não se autocritica e que enfim, acaba internalizando tudo isso, já compondo um ethos. E alguns personagens com essas características em maior ou em menor grau compõem O Cortiço, não é fácil escapar à trama da ideologia canônica descrita anteriormente. Ela reina contraditória, negando e fazendo, afirmando ainda que dependente da aprovação exógena.

Estamos vendo assim, um pouco mais das particularidades do fazer literário imbuído dos valores da objetividade e fidelidade a realidade à brasileira. É visível que a realidade brasileira não é a europeia, mas nem tanto que o modo de representar essa realidade nas obras literárias sob delimitação das orientações do Realismo tem o particularismo de estar sob condições de produção das mais diversas e que tal fato implica que não se pode imaginar um mesmo Realismo no Brasil e na Europa.

No Brasil não se experimentam os contextos literários a ponto de temer que um novo estilo que tratasse sobre a realidade social em suas patologias humanas e sociais, corrupção e desvios de caráter, causasse uma reação repressiva por parte das instituições ou de setores da sociedade. Aluísio de Azevedo, ao seu modo, não seria este a se empenhar em tal empreendimento ao longo de sua trajetória literária. E um dilema semelhante está em *O Cortiço*, o homem consegue vencer o seu meio? Segundo sua tese o homem não consegue, mas alguns sim, desde que empreguem sua vida para este fim, e nada mais o desviará. O que aparenta ser uma visão romântica tanto quanto acreditar que o meio pode determinar a totalidade das circunstâncias.

Nem mesmo a influência do positivismo no que se refere ao signo de que a Ciência pode ser a única fonte de saber e redenção do homem, tanto quanto o Realismo como forma de ver o mundo ou a ideia de querer vê-lo como o é, trouxe maiores significações da contribuição realista ao meio social brasileiro, como desde sempre permaneceu alheio de si. Porque precisamente, o Realismo à brasileira não quis aprofundar as questões sensíveis à corrosão do poder, não adotou o posicionamento político do Realismo Francês ou Russo e com isso não aparece em *O Cortiço* (ou mesmo neste autor) qualquer aprofundamento que possibilitasse uma reflexão profícua sobre a escravidão, sobre a violência simbólica, sobre como Bertoleza permanece escrava, pensando ser livre.

Esses pontos não são aguçados, não são sugeridos aos leitores, estes não se queixam dessa ausência e os autores fingem não existir e dão por suficiente suas produções. Na verdade, não bastasse isso, criam-se instituições que reforçam as deficiências dos leitores brasileiros. Duas delas são consequências de ações nesse sentido: a apatia e a indiferença. Que vão se somar a eventuais outros problemas que os leitores podem apresentar.

Nessas condições o poder ideológico do conquistador não encontra dificuldades em permanecer enquanto estrutura e uma crítica dirigida já vai se tornando uma empreitada difícil de se sustentar individualmente. Isso justificaria o fato do Realismo sozinho não viesse a se realizar aqui no Brasil enquanto redenção da história-não-contada, a história dos excluídos, daqueles que nunca foram colonizadores neste país, e que Azevedo nunca fosse além dos princípios de seu movimento, debilmente empregados no seu país sem memória.

Porém e para, além disso, não é justo agora transpassarmos as insuficiências dos leitores de Azevedo aos nossos autores canônicos. Deve ficar bem claro que se não tivemos o Realismo que desejável, também não deveríamos ter por isso, esse Realismo caricaturado, veríssimo, engenhosamente arquitetado para criar um imaginário confortável, quando antes anunciaria denunciar a realidade miserável de muitas pessoas.

Por que é o que mais fica denotado e conotado em *O Cortiço* ou devemos ficar apenas nas análises morfológicas e sintáticas do seu texto? A respeito do qual não temos mais a acrescentar. É contentar-se com muito pouco, ficarmos com a ideia de que em *O Cortiço* está presente o Brasil. E se assim pensarmos, inevitavelmente reduziremos outras realidades, porque por um relato da disposição dos cortiços cariocas, não se pode tirar a imagem suficiente de toda a realidade brasileira, nem cultural nem fisicamente considerando.

3 – O REALISMO DE UMA HISTÓRIA DE RIQUEZA

A narrativa de *O Cortiço* acontece em torno da figura de um personagem português chamado João Romão. Ele é possuído pela ganância de enriquecer e a sua história é delimitadora da história do livro. Começa descrevendo quem é este português e ao mesmo tempo o que ele faz para acumular dinheiro, único objetivo da sua vida, mesmo que só mais tarde dará uma finalidade a sua riqueza conquistada.

Sim, senhor! Aquele taverneiro, na aparência tão humilde e tão miserável; aquele sovina que nunca saía dos seus tamancos e da sua camisa de riscadinho de Angola; aquele animal que se alimentava pior que os cães, para pôr de parte tudo, tudo, que ganhava ou extorquia; aquele ente atrofiado pela cobiça e que parecia ter abdicado dos seus privilégios e sentimentos; aquele desgraçado, que nunca jamais amara senão o dinheiro (AZEVEDO, 2012, p. 17).

Eis então o ponto a partir do qual o aspecto inovador é apontado por A. Candido (2010) na literatura brasileira: uma descrição pormenorizada de uma das formas de como alguém pode se tornar rico na sociedade brasileira. Posto que até então não havia menção a isto na literatura brasileira. Apenas referência vagas de algum espólio que um ou outro personagem tenha recebido. Noutras obras os personagens aparecem já ricos. A atenção dada a esse aspecto é mesmo singular na obra porque caminha junto ao desenvolvimento da trama, que é na verdade a história da riqueza do protagonista.

Que milagres de esperteza e de economia não realizou ele nessa construção! Servia de pedreiro, amassava e carregava barro, quebrava pedra; pedra, que o velhaco, fora de hora, junto com sua amiga, furtavam à pedreira do fundo, da mesma forma que subtraíram o material das casas em obra que havia por ali (*Ibid.*, p. 20).

Tudo estava em função desse enriquecimento até ele mesmo se dar conta de que para se dar ainda melhor não poderia aparentar um ser tão deprimente quanto descrito acima e passa a sentir a necessidade de usufruir um pouco do que acumulará.

Estaria ele, João Romão, habilitado a possuir e desfrutar tratamento igual à do seu vizinho? ... Dinheiro não lhe faltava para isso ... Sim, de acordo! Mas

teria ânimo de gastá-lo assim, sem mais nem menos? ... Sacrificar uma boa porção de contos de réis, tão penosamente acumulados, em troca de uma teteia para o peito?... Teria ânimo de dividir o que era seu, tomando esposa, fazendo família e cercando-se de amigos? (*Ibid.*, p. 113).

A história vai mostrar que sim, que com motivações outras, agora, para se sentir e viver como rico, o personagem se adapta aos costumes dos que eram ricos em sua época, comendo, bebendo e vestindo-se como tal.

O ex-taverneiro e futuro Visconde foi, todavia, ao encontro deles, cheio de solicitude, descobrindo-se desde logo e convidando-os com empenho a que tomassem alguma coisa. Entraram todos na confeitaria e apoderaram-se da primeira mesa que se esvaziou. Um criado acudiu logo e João Romão, depois de consultar D. Estela, pediu *sandwichs*, doces e moscatel de Setúbal (*Idem.*).

Temos resumidamente o fio condutor desse romance realista, que é a história econômica do Português João Romão. Que apreensões críticas podemos fazer do desenvolvimento desse livro que quis apresentar-se enquanto vitrine da realidade social carioca e até mesmo brasileira? Esta obra traz consigo precisas medidas, eficientes no uso dos recursos literários, e torna possível o ingresso do seu autor entre os cânones, como forte expressão da literatura realista no Brasil.

Sem a pretensão de fazermos uma análise totalizante, devemos considerar para esta oportunidade de trabalho que entre os elementos essenciais está: a inovação de Aluísio ao tornar descrito e em detalhes as operações necessárias para a constituição de uma riqueza financeira. Isto até então não havia aparecido na literatura brasileira.

Aliás, Aluísio foi, salvo erro meu, o primeiro dos nossos romancistas a descrever minuciosamente o mecanismo de formação da riqueza individual. Basta comparar seu livro com as indicações sumárias de Macedo, Alencar ou Machado de Assis, nos quais dinheiro aparece com frequência, mas adquirido por herança, dote ou outra causa fortuita (*CÂNDIDO*, *op. cit.*, p. 113).

É deste apontamento, nosso ponto de partida, para observar a construção do seu texto que tem como característica a particularidade de juntar porções da realidade, porções da estética literária a qual defende, um tanto também de alegorias e não diferentemente de

qualquer escritor, um pouco de sua consciência, desejos e visões. E é assim que observamos seu texto, seus personagens, suas construções de ambientes do romance. E uma parte/porção dessa composição textual corresponde ao aspecto que diz respeito ao elemento de originalidade que traz *O Cortiço*, mais tarde observado por A. Candido (2010) e que corresponde ao objeto deste trabalho.

A originalidade do romance de Aluísio está nesta coexistência íntima do explorado e do explorador, tornada logicamente possível pela própria natureza elementar da acumulação num país que economicamente ainda era semicolonial (*Ibid.*, p. 110).

Que este recurso aparece no fato de que decerto há um grau de originalidade no descrever de um processo de enriquecimento no contexto brasileiro, e de inovação na literatura brasileira como trata A. Candido (2010). Porém, ao se focar nesses pontos, a solução literária dada por Aluísio para o enredo deixa de lado uma boa porção de realismo, posto que o processo desencadeado pelo personagem João Romão é ilícito e mesmo assim não provoca sentimento algum nos outros personagens que o colocasse em apuros ante aos outros ou ante as autoridades. Essas circunstâncias são difíceis de se realizarem em um ambiente que já não é mais o da fazenda com senzala e engenho.

E os quartos do cortiço pararam enfim de encontro ao muro do negociante, formando com a continuação da casa deste um grande quadrilongo, espécie de pátio de quartel, onde podia formar um batalhão. Noventa e cinco casinhas comportou a imensa estalagem. Prontas, João Romão mandou levantar na frente, nas vinte braças que separavam a venda do sobrado do Miranda, um grosso muro de dez palmos de altura, coroado de cacos de vidro e fundos de garrafa, e com um grande portão no centro, onde se dependurou uma lanterna de vidraças vermelhas (*AZEVEDO, op. cit.*, p. 28)

Podemos considerar que no ambiente descrito por Azevedo a denotação e conotação mesma da escrita nos encaminha a noção de que seria, sim, possível no plano real das vivências, que qualquer um dos personagens coadjuvantes fosse capaz de acusar o comerciante, de alguma manobra incompatível para um enriquecimento exponencial, mesmo que no invólucro que se torna sua dedicação e abstenção de gastos. Porém, nunca houve

acusações e nenhum elemento justifica isso em sua narrativa, mas sim o contrário, demonstrações de empatia:

Ao meio dia teve de comparecer à presença do subdelegado na secretaria da polícia. Foi mesmo em mangas de camisa e sem meias; muitos do cortiço o acompanharam, quer por espírito de camaradagem, quer por simples curiosidade (*Ibid.*, p. 124)

A trajetória econômica de João Romão é intocável e não sofre qualquer adversidade viesse estas de seus concorrentes, de seus subordinados, de sua escrava, de seus condôminos. A venda e o cortiço aparecem como um império de altos muros, ou seja, sem fraquezas. E a absoluta paz deste império não está correspondendo ao seu próprio contexto de miséria das relações econômica e humanas. Isso faz comprometer a retratação da realidade dos fatos, como quer a estética realista.

Sempre em mangas de camisa, sem domingo nem dia santo, não perdendo nunca a ocasião de assenhorear-se do alheio, deixando de pagar todas as vezes que podia e nunca deixando de receber, enganando os fregueses, roubando nos pesos e medidas, comprando por dez réis de mel coado o que os escravos furtavam da casa de seus senhores, apertando cada vez mais as próprias despesas empilhando privações sobre privações, trabalhando e mais a amiga como uma junta de bois, João Romão veio afinal a comprar uma boa parte da bela pedreira, que ele, todos os dias, cair da tarde, assentado um instante à porta da venda, contemplava de longe com um resignado olhar de cobiça. N' O cortiço ele se torna implicitamente objeto central da narrativa, cujo ritmo acaba se ajustando ao ritmo da sua acumulação, tomada pela primeira vez no Brasil como eixo da composição ficcional (*Ibid.*, p. 20).

Sob a ideologia científica de uma etnografia social Aluísio produziu um homo-economicus perfectum, e é ao descrevê-lo que todos os recursos característicos da estética Realista são utilizados objetivamente a favor da descrição do personagem João Romão, e sua trajetória desumana de enriquecimento.

Ficando a contento sua caracterização e habilidades singulares para o assunto, mas que aí se apresenta uma operação em que as “ferramentas ou recursos expressivos” que poderiam e deveriam de acordo com o Realismo tratar sobre a realidade miserável do social, são empregados ou destinados a outros objetos: para descrever situações e personagens criados literariamente, por consequência, o signo político da abertura a narrativa da história

dos oprimidos se esvai como um agente químico volátil. Tudo isso a tal ponto que nem mesmo a natureza selvagem ofereceu resistência às idealizações propostas pelos textos canônicos, nos quais as personagens estrangeiros realizam todos os seus projetos sem maiores dificuldades. Não há obstáculos intransponíveis para eles. João Romão é o exemplo maior dessa perspectiva sutilmente posta no Cortiço, a de que os estrangeiros têm algo de naturalmente e assim racialmente, superiores com relação aos nativos. Fica claro que o plano onde as coisas acontecem não deve ser mesmo o real, ainda que assim se anuncie.

A picareta era para os companheiros o toque de reunir. Aquela ferramenta movida por um pulso de Hércules valia bem os clarins de um regimento tocando alvorada. Jerônimo era alto, espadaúdo, construção de touro, pescoço de Hércules, punho de quebrar um coco com um murro: era a força tranquila, o pulso de chumbo. O outro – franzino, um palmo mais baixo que o português, pernas e braços secos, agilidade de maracajá: era a força nervosa; era o arrebatamento que tudo desbarata no primeiro instante. Um, sólido e resistente; o outro, ligeiro e destemido; mas ambos corajosos (*Ibid.*, p. 59-119).

E não é à toa que se produz um personagem à imagem e semelhança de um homem que acumula poder à custa da exploração alheia. Isso é comum ainda no Brasil de hoje. Fato lamentável, porém absurdo e trágico é cultivar uma mentalidade submissa, nas instâncias ou nichos que deveriam ser de liberdade para os típicos cidadãos brasileiros, quando comessem a ler literatura, como é o caso de literatura.

Não se trata de criticar indefessos personagens. Eles são instrumentos de imposição de uma mentalidade. É preciso descobrir o gesto semântico das obras e, especialmente, do sistema que as incorpora e consagra com a intenção de que a sua mentalidade propicie e perenize (KOTHE, *op. cit.*, p. 457).

Deste modo, vemos que Aluísio de Azevedo, escreveu enfatizando a pessoa e as obras de um tirano. Sem nenhuma ressalva, parênteses ou crítica ele desenhou um ambiente sob o qual viviam os brasileiros, um ambiente construído por um estrangeiro de uma forma ilícita e imoral, ao seu modo e com a sua cara, mas com os recursos que por aqui existiam. Essa história não é nova e aqui ficou mal contada. Ela pode levar ao engano os leitores – brasileiros que se dispuserem a lê-la.

Deste modo o cortiço ganha significado diferente do que tinha em Zola, pois em vez de representar apenas o modo de vida do operário, passa a representar, através dele, aspectos que definem o país todo (CÂNDIDO, *op. cit.*, p. 119).

E o que é dito depois? Conforme na citação acima é suficiente e plausível que no Cortiço estão presentes “aspectos que definem o país todo” apenas porque se abordou sobre algumas etnias em convivência e sobre a característica dos cortiços da época. É se contentar com muito pouco. A respeito de uma solução literária, a imaginação, a reflexão sobre a história lida pede justificativas do porquê se coloca que a natureza brasileira (inverno ou verão, terra ou ar, água ou fogo) é descrita como se não tivesse equivalência em lugar nenhum do mundo, domina e condiciona os brasileiros e estrangeiros ao fracasso econômico exceto aquele escolhido como o onipotente entre os homens e a natureza (não confundir com Deus, trata-se do personagem João Romão) em sua trajetória pela trama. Ainda mais problemático pode ser a justificação teórica desses disparates, sobre as quais não cabe tratarmos nesta oportunidade.

À natureza não cabe a culpa pela não realização dos projetos e desejos dos homens. A história mostra justamente que é somente dela e através dela que o homem realiza suas façanhas inventivas. Embora, como em T. Hobbes (2009) os homens sejam lobos dos homens, é pelo menos do crédito desta espécie a causa de muitas das misérias visíveis e invisíveis porque padece a própria espécie.

E nos seus movimentos de desespero, quando levantava para o céu os punhos fechados, dir-se-ia que não era contra o marido que se revoltava, mas sim contra aquela amaldiçoada luz alucinadora, contra aquele sol crapuloso, que fazia ferver o sangue aos homens e metia-lhes no corpo luxúrias de bode (AZEVEDO, *op. cit.*, p. 171).

E com isso temos mais ideias injustificadas ou que fica claro o engodo da perspectiva tomada ou sugerida, certamente questões substancialmente políticas ou sociais já estavam a sua disposição e que poderiam alimentar a narrativa sem prejuízo de sua própria estética.

Essas ressalvas talvez fossem merecedoras de serem acompanhadas das versões a serem publicadas, como um posfácio de responsabilidade da edição em questão.

Porque foi prevalecente a operação de transmutação referida acima, em que Aluísio desenvolve os elementos estéticos do estilo realista com o foco dirigido para aspectos/objetos diferentes, ainda que muito próximos ou semelhantes daqueles propostos por esse estilo literário, e sem um engajamento político concreto. Por exemplo, é de maneira própria do Realismo a descrição quase fotográfica e fidedigna dos personagens e ambiente onde a trama se desenvolve. Outro exemplo pode ser o fato do nosso autor ter escrito com um certo grau de despudor para seu tempo, o que lhe traz a atenção dos reacionários, mas somente isso, estes nunca se empenharam em uma campanha contra o documento denuncia: *O Cortiço*.

E por quê? Porque esta obra não tem essa característica, a lembrar: a de denuncia, a de politizar por uma crítica os costumes bárbaros do ambiente social. No que diz respeito ao trato das questões políticas nessa obra, vemos que esse aspecto passa pelo crivo do escorço, aparentando ser tanto mais uma dica de como o estrangeiro João Romão procedeu para enriquecer, chegando aqui pobre (tanto quanto os nativos): roubando. E roubados (os nativos), agora teriam uma ideia de como isso aconteceu.

Se formos considerar assim, tal dica seria muito ingênua porque Bertoleza, que serviu como escrava a João Romão e por muito tempo se achando liberta, nunca questionou outras possíveis intenções de seu senhor. E tudo isso somente de uma distância transatlântica seria representação da realidade de escravidão que viviam muitos aqui no Brasil, a mesma distância seria necessária para vermos a paz da relação entre explorados e explorador, entre João Romão e quase todos ao seu redor e que aparecem como explorados. Para dar uma melhor impressão de realidade seria imprescindível alguma discórdia, alguma acusação, por outro lado o explorador pode realizar seu projeto de riqueza sem nenhum momento de crise ameaçadora.

Tendo em vista que esses apontamentos possam funcionar em outras interpretações como reducionismo mesquinho da obra, cabe deixar claro também que:

Mas nós sabemos que, embora filha do mundo, a obra é um mundo, e que convém antes de tudo pesquisar nela mesma as razões que a sustentam como tal. A sua razão é a disposição dos núcleos de significado, formando uma combinação *sui generis*, que se for determinada pela análise pode ser traduzida num enunciado exemplar. Este procura indicar a fórmula segunda a qual a realidade do mundo ou do espírito foi reordenada, transformada, desfigurada ou até posta de lado, para dar nascimento ao outro mundo (CÂNDIDO, *op. cit.*, p. 107).

Fica claro que O Cortiço obteve êxito nesta formulação singular de um novo mundo, um novo contexto e com o qual não desagradava quem o lê, pelo prazer de ler literatura. Sendo o sujeito brasileiro, com uma tradição acadêmica tão recente na história quanto a nossa, certamente não vamos sentir que seja uma literatura de segunda. Mas para o historiador, ou qualquer outro que não gostaria de ver apagadas as marcas da violência da sua história, não deve ficar satisfeito quando apenas palavras de impacto são associadas à realidade trágica nacional. Palavras sem nexos maiores que servissem de panaceia momentânea, com fins a lapsos de consciência, esclarecedores, ou mesmo como uma documentação de registro das barbáries típicas deste país.

Por fim, a respeito do Cortiço, de Aluísio de Azevedo, do Realismo à brasileira entre os dilemas que nos cercam está a nossa própria trajetória. Tudo o que colocamos e não colocamos naquilo que escrevemos, ou naquilo que dizemos ou pensamos, ou naquilo que conseguimos ser.

Os que se engajam tendem a revelar a fraqueza de seu engajamento, a limitação de seu horizonte especulativo, o compromisso de suas propostas com determinados segmentos da classe dominante: a denúncia se torna hipocrisia e engodo. Os que não se engajam tendem a perder a força determinante dos conflitos sociais de seu tempo e, ao imitar modelos estrangeiros sem o confronto com a realidade de origem e de chegada, acabam fazendo uma cópia piorada, que perde a grandeza e densidade dos textos originais. Os textos resultantes podem até ser badalados pela exegese canonizante, mas não resistem a uma leitura crítica nem a um confronto com os clássicos universais que os influenciaram. Não há um lado certo ou errado, nem mesmo no sentido de que a linhagem engajada está correta em termos de conteúdo, enquanto a linhagem parnasiana o está na forma, pois

isso pressuporia a separabilidade de forma e conteúdo, a redução da forma a fôrma (a forma exterior) e a identidade entre intenção do autor e intencionalidade textual (KOTHE, *op. cit.*, p. 572).

Assim, vemos que uma ou outra inovação para literatura brasileira que aparecem no Cortiço e foram apontadas por A. Candido (2010) não vem a realizar uma transformação mais significativa no compreender da realidade das coisas ou das pessoas através da perspectiva sugerida por Aluísio. Este se enquadra nas condições de escrita relatadas acima por Kothe; não desponta qualquer instrumento que favorecesse todo o livro compensando assim o fato de usar e seguir modelo de enredo que não lhe é próprio.

A forma e o conteúdo, a fôrma exterior, a intenção do autor e a intencionalidade textual experimentam em Aluísio um uso que não houve em E. Zola. Naquele a aplicação/uso desses elementos aparenta ter sido tão marcado por um uso forçado de cada um, que somente pela circunstância de estar sob a estética Realista, apontamos quem levou a pior: a realidade.

Como ficção é sustentável, depois da leitura ficamos com boas imagens tão bem ilustradas no Cortiço e alguns de seus personagens mais pitorescos. Afinal, o autor parece ter se encantado por seu personagem protagonista e segue-o até o fim, até a conclusão dos seus objetivos na pós riqueza, onde os dois, autor e personagem já não querem saber de realidade alguma, cobrem a vista com as mãos para não verem a dureza do real. Eles agora são burgueses.

João Romão fugira até ao canto mais escuro do armazém, tapando o rosto com as mãos. Nesse momento parava à porta da rua uma carruagem. Era uma comissão de abolicionistas que vinha, de casaca, trazer-lhe respeitosamente o diploma de sócio benemérito. Ele mandou que os conduzissem para a sala de visitas (AZEVEDO, *op. cit.*, p.222).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com os estudos e leituras que foram possíveis até a redação deste trabalho consideramos que por Antônio Candido (2010) a obra de Aluísio de Azevedo, *O Cortiço*, contempla todas as características de uma obra realista uma vez que adentra as questões políticas em vigência na época no Brasil escravocrata, a exemplo da abolição da escravatura, fato marcante na sociedade brasileira.

Candido (2010) destaca ainda em sua obra *O Discurso e a Cidade* o apontamento do *Cortiço* como uma obra inovadora por trazer pela primeira vez na história da literatura brasileira a demonstração de como alguém pode enriquecer, construir seu capital, coisa até então obscura na literatura brasileira. Antes, todos os autores em suas abordagens colocavam seus personagens desfrutando de heranças, sem nenhum esclarecimento sobre a origem da riqueza da qual desfrutavam.

Embora a proposição do *Cortiço* de ser uma obra crítica por abordar a realidade com a fidedignidade que reza a estética literária a que se associa, deixa passar toda a significação do aspecto político dos temas aos quais aborda. Mesmo que, por outro lado, em hipótese, a média dos leitores de literatura não se preocupa com esse aspecto e não parece haver nisso maiores problemas. Com relação ao autor (Aluísio de Azevedo) e sua escrita, observamos como resultado de nossas leituras, que a ausência da significância política do escrito no trato da realidade não correspondeu às expectativas do próprio Realismo, o qual, o inspira.

Entendemos, houve outras mudanças significativas na escrita do *Cortiço* por Azevedo e entre estas está: a adequação do perfil estético do Realismo as condições de produção no Brasil. Como pôde ser visto, há indubitavelmente nesta obra traços próprios do Realismo, ressalvadas as apropriações a moda brasileira, em acordo com as estruturas de pensamento estruturadas pelo poder constituído.

E entre as apropriações e adequações, nosso literato faz seus malabarismos com as palavras e com as temáticas para resultar em algo politicamente aceitável para as elites no poder, ao mesmo tempo, não aparece como algo de que os populares possam classificar como sendo totalmente desconhecido, burguês ou elitista. Essa obra se chama O Cortiço.

Nesta obra Realista não se trata da realidade como algo para a denúncia, não é porta voz da realidade brasileira escravocrata. Se ela fosse uma fotografia a pessoa que apareceria com a cabeça cortada não seria um branco. Fica estimado assim que o Realismo no Brasil tem limites de abordagens delimitados, não há pecados políticos relatados para estrutura que lhe concebe ou para os donos de escravos.

Em parte, os princípios estéticos do Realismo são aplicados a uma realidade que se não se pode dizer que não existiu, ela certamente, não dificultava a imaginação de um cenário adegado ao desenrolar da imaginação e assim de uma história que fosse verossímil a verdade da realidade. A delimitação do espaço físico liberta da carência de se tratar sobre outros contextos do Brasil e a perspectiva mais comum que é que se use seus aspectos enquanto adornos. Sob essas prerrogativas o esvaziamento da significância das questões políticas e sociais foi possível.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. São Paulo: Martin Claret, 2012.
- _____, _____. **O mulato**. São Paulo: Martin Claret, 2009.
- CANDIDO, Antônio. **O discurso e a cidade**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.
- CUNHA, Euclides da. **Os sertões. Campanha Canudos**. Rio de Janeiro: Atelie Editorial, 2009.
- FREIRE, Antônio de Brito. **Aula ministrada na Fundação Francisco Mascarenhas**. 2002.
- HOBBS, Thomas. **O Leviatã**. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2006.
- KOTHE, Flávio R. **O cânone imperial**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso literário**. São Paulo: Contexto, 2006.
- MARX, Karl. **O capital. Crítica a economia política** (Livro I). São Paulo: Editora Boitempo, 2013.
- MOISÉS, Massaud. **A literatura brasileira através dos textos**. 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2009.
- PLATÃO. **A república**. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- TAVARES, Henio Último da C. **Teoria literária**. 4 Ed. Belo Horizonte: Editora Bernardo Alvares, 1969.
- ZOLA, Emile. **L'Assommoir**. Paris: Ed. Editions Flammarion, 2008.